


 TRADUÇÃO

 “COLOMBO E OS CANIBAIS”^{*}

 Peter Hulme^{**}

“Alguns estrangeiros chegaram tagarelando em uma língua curiosamente antiga, pois têm a palavra mar por feminina e não por masculina, chamam papagaios de araras, balsa de canoas, dardos de arpões e, quando nos viram a sair para saudá-los, nadando em torno de suas embarcações, eles subiram nos lais de verga e gritaram uns para os outros: 'vejam lá que bela compleição de corpos e faces finas com cabelos grossos quase como a seda de crista de cavalos!' Viram que estávamos pintados de maneira a não nos queimarmos com o sol e ficaram excitados como pequenos papagaios molhados, gritando: 'vejam como eles lambuzam-se de cinza e são do tom de canários, nem brancos nem pretos!' O que se passava com eles? Não entendíamos por que raios eles estavam fazendo tanta algazarra por conta de estarmos tal qual nossas mães nos deram à luz. Em contrapartida, eles estavam todos decorados como valetes de paus em todo aquele calor... E nós trocamos tudo que

^{*} Tradução do capítulo: 'Columbus and the canibals'. In: HULME, Peter. *Colonial encounters (Europe and the native Caribbean 1492-1797)*, London and New York, Methuen, 1986 (1st. Edition). pp. 13-43. Da Segunda edição em diante, o livro passou a ser publicado pela editora Routledge: HULME, Peter. *Colonial encounters (Europe and the native Caribbean 1492-1797)*, London, Routledge, 1987. Agradecemos ao autor pela confiança e simpatia com as quais recebeu a proposta desta tradução, permitindo-a e incentivando-a.

^{**} Professor de Literatura da Essex University.

tínhamos por aqueles bonés vermelhos e pelos cordões de continhas de vidro que dependurávamos em volta de nossos pescoços para agradá-los e também pelos cintos de metal que não valiam um tostão furado e pelos urinóis e óculos... Mas o problema foi que entre os 'eu entregarei isso por isto ou aquilo', um amplo e maldito mercado cresceu e, pouco depois, todo mundo se desfez de seus papagaios, seu fumo, suas barras de chocolate, seus ovos de iguana, de tudo que Deus um dia criou, porque davam e tiravam tudo por livre e espontânea vontade e ainda queriam trocar um de nós para mostrar na Europa por um doblete de veludo.”¹

1

Seres humanos que comem outros seres humanos sempre foram colocados nas mais marginais fronteiras da humanidade. Eles não são vistos como desumanos, pois, se fossem animais, seus comportamentos seriam naturais, não causando o escândalo e o medo que o “canibalismo” sempre provocou. “Canibalismo”: a palavra aparece facilmente e sem problematização; uma palavra direta sem gerar ambigüidades, mais familiar (e mais na ponta da língua) do que a sua alternativa, “antropofagia”. Ambas palavras existem em inglês como substantivos que descrevem “a prática de comer a carne de um indivíduo da mesma espécie”, para citar o verbete “*cannibalism*” no *Oxford English Dictionary* mas ambas palavras existiram uma vez como nomes próprios referentes a nações inteiras que eram caracterizadas por sua adesão a esta prática. Assim, originalmente, mais que “canibalismo” ou como “antropofagia”, aparecia como “Canibais” e “Antropófagos”. “Antropófago” é, no original grego, uma formação a partir de duas palavras pré-existentes (“comedores / de seres humanos”) e atribuída pelos gregos a uma nação que morava, presumidamente, além do Mar Negro. Exatamente o

¹ Márquez, Gabriel Garcia. *The Autumn of the Patriarch*, trans. Gregory Rabasa, London, 1977. pp. 35-36. Para nossa tradução, não foi consultada nem a obra original, nem a tradução em português. Esta é uma tradução livre do trecho citado em inglês. (N.T.)

oposto se aplica a “Canibais”, que era um substantivo não europeu utilizado para referir a um povo existente: um grupo de *Caribs* nas Antilhas. Através da conexão estabelecida entre aquele povo e a prática de comer carne de indivíduos de sua mesma espécie, o substantivo “Canibal” passou para o espanhol (e por conseqüente para outras línguas européias) com a implicação indissolavelmente amalgamada a ela. Gradualmente, “canibal = comedor de carne humana” foi se distinguindo de “carib = nativo das Antilhas”, processo completado (em inglês) pela cunhagem do termo geral “canibalismo” (*cannibalism*), para o qual o primeiro verbete do *OED* é datado de 1796 – uma data que ganhará ressonância no capítulo final deste livro².

Uma das maneiras através da qual as ideologias operam é passando à frente relatos parciais como se fossem a estória (*story*) toda. Elas recorrentemente alcançam este efeito, representando a parcialidade como aquilo que pode ser aceito de antemão, “bom senso”, “o natural”, até mesmo como a própria realidade. Esta virada envolve recorrentemente a ocultação (*covering*) dos traços (*tracks*): se algo está para aparecer como simplesmente “o caso”, então, sua origem na contingência histórica deve ser suprimida (*repressed*). Geralmente falando, esta supressão pode tomar duas formas: a negação da história (*history*), cuja versão mais comum é o argumento da natureza; ou o alibi histórico, no qual a estória de origem é contada. O poder desta segunda forma é o que usualmente oferece a verdadeira estória, no restrito, porém poderoso, sentido de verdadeiro equivalente a “não falso”. Ela deveria mesmo oferecer uma série de estórias verdadeiras, mas elas jamais entrariam em conflito, pois seriam isoladas uma das outras em compartimentos separados, usualmente chamados “disciplinas”. Aqui, as disciplinas mais pertinentes são a etnografia e a lingüística histórica, e é a última que parece ter provido aquilo que veremos, ao menos um pouco, como o começo real: o primeiro encontro.

² O capítulo referido é “Inkle and Yarico”. (N.T.)

2

A definição primitiva de “canibal” no *OED* diz: “Um homem (esp. Um selvagem) que come carne humana; um comedor de homem (*man-eater*), um antropófago. Originalmente, nome próprio dos Caribs comedores de homem das Antilhas.” A morfologia ou, para usar a palavra do *OED*, *form-history* de “Canibal” é um tanto mais circunspecta³. A parte principal deste verbete diz:

(No XVI c. pl. *Canibales*, a. Sp. *Canibales*, originalmente uma das formas do nome da etnia *Carib* ou *Caribes*, uma nação feroz das Índias Ocidentais, que é registrada como tendo sido *antropófaga*, e de cujo nome foi subsequente estendido como um termo descritivo...)

Esse é um relato “verdadeiro” da morfologia da palavra “canibal” em inglês, embora seja também um relato ideológico que funciona para suprimir questões históricas importantes sobre o *uso* do termo: sua morfologia discursiva, talvez, mais do que sua morfologia lingüística. O traço desta supressão é a frase “que é registrada como tendo sido”, que esconde por debaixo de sua brandura – a forma passiva, a ausência (em um livro de autoridades) de uma autoridade definitiva, a assunção de observação acurada e imparcial – uma história completamente distinta.

O tom de “que é registrada como tendo sido” sugere a imagem de um etnógrafo do século XIX sentado às sombras com um caderno e um lápis, registrando calmamente os rituais selvagens sendo “performados” em sua frente. Apesar de inaceitável, isto deve ser visto, nos dias atuais, como uma “reportagem objetiva”, o que ainda parece um modelo de simplicidade em comparação com as complexidades das passagens que constituem o registro nesta instância.

Em 23 de novembro de 1492, Cristóvão Colombo aproximou-se de uma ilha “que aqueles índios com os quais esteve chamavam 'Bohio'”. Segundo o *Diário* de Colombo, esses índios, usualmente referidos como Arawaks:

³ Sobre *form-history* ver: *Oxford English Dictionary*, Compact Edition, London, 1979, p. vii.

Disseram que esta terra era muito extensa e que havia pessoas nela que tinham um olho na testa e outros aos quais chamavam “canibais”. Desses últimos, eles demonstraram grande medo e, quando eles viram que este curso foi tomado, eles ficaram calados, ele diz, porque esse povo os comia e porque eles eram muito belicosos. (J 68-9)⁴ [la cual decían que era mui grande y que había en ella gente que tenía un ojo en la frente, y otros que se llamaban canibales, a quien mostraban tener gran miedo. Y des que vieron, que lleva este camino, dice que no podían hablar porque los comían y que son gente muy armada.]⁵

Eis a primeira aparição da palavra “canibais” em um texto europeu e ela está imediatamente ligada à prática de comer carne humana. O *Diário*, portanto, ao menos até certo ponto, é um “texto inaugural” (*beginning text*).

Mas em que proporção este substantivo e esta atribuição são um “registro” (*record*) de alguma coisa? Para começar, o texto efetivo no qual presumimos ter Colombo inscrito tal substantivo desapareceu, junto com a sua

⁴ As citações são da versão de Louis-André Vignera da tradução do *Diário* de Colombo de Cecil Jane (*The Journal of Christopher Columbus*), levemente juntadas em partes. Referências a este texto ganham a forma de J mais o número da(s) página(s) e segue a citação. Onde a língua é especialmente importante o original irá também acompanhar como aqui ou será incorporado entre parêntesis. A edição de Carlos Sanz (*Diario de Colón*, Madrid, 1962) que inclui o facsimile do manuscrito de Las Casas foi utilizado: as referências são tanto para a edição quanto para o fac-símile e, breves, citações sem referência podem ser facilmente rastreadas pelas suas datas. Em raras ocasiões, o espanhol foi alterado, onde Sanz parece ter lido mal o manuscrito. A *carta* de Colombo, um breve relato retrospectivo de sua primeira viagem, será importante no final deste capítulo. Ela está incluída na edição de Vignera do *Diário*. Para em espanhol e outras traduções, ver Christopher Columbus, *La carta de Colón anunciando la llegada a las Indias*, ed. Carlos Sanz, Madrid, 1958. Para alguns dos debates a respeito do estatuto do *Diário*, ver os dois artigos de Emiliano Jos, “El libro del primer viaje. Algunas ediciones recientes”, *Revista de Indias*, X, 1950, pp. 719-51, e “El Diario de Colón: su fundamental autenticidad”, *Studi Colombiani*, II, 1952, pp. 77-99; e Samuel Eliot Morison, “Texts and translations of the Journal of Columbus’s first voyages”, *Hispanic American Historical Review*, XIX, 1939, pp. 235-61. Traduzimos o texto em inglês sem fazer qualquer retificação a partir do original em espanhol citado em seguida. (N.T.)

⁵ Columbus, *Diario de Colón*, fol 26v.

única cópia conhecida, na metade do século XVI. A única versão que temos, e a partir da qual é retirada a citação acima, é um resumo escrito à mão por Bartolomé de Las Casas, provavelmente a partir da cópia de Colombo do original que ficou no monastério de São Paulo em Sevilha. Subseqüentemente, houve muitas transcrições do manuscrito de Las Casas. Assim, a transparência aparente de “que é registrada como tendo sido” torna-se rapidamente opaca pelas camadas espessas da linguagem: uma transcrição de um resumo da cópia de um original perdido. Isto é disciplinador, mas, até certo ponto, contingente. Mais significativa é o que poderíamos chamar de opacidade interna do enunciado (*statement*). O “registro” de Colombo, longe de ser uma observação de que aquele povo chamado “canibais” comia outras pessoas, é uma reportagem de palavras de outras pessoas; além disso, palavras entoadas em uma língua da qual ele não tinha nenhum conhecimento prévio e que, no máximo, teve seis semanas de prática tentando entendê-la.

Ao redor desta passagem, aglomera-se todo um abrigo de questões etnográficas e lingüísticas, algumas das quais retornam no próximo capítulo⁶. Mas o argumento geral, aqui, será que, embora importantes, estas questões ficam em segundo plano em questões textuais e discursivas. O que precisa ser primeiramente examinado, em outras palavras, não são passagens isoladas como evidência disto ou daquilo, mas as unidades mais amplas de texto e discurso, sem as quais nenhum significado seria mesmo possível.

3

Escrever a respeito do texto que chamamos de “*el Diario de Colón*” (o Diário de Colombo) recorrentemente envolve uma crença: presumir que a transcrição do manuscrito do resumo da cópia do original mantém alguma relação significativa com a realidade histórica da viagem de Colombo através do Atlântico e até as Ilhas caribenhas durante os meses de inverno entre 1492 e 1493.

⁶ O título do próximo capítulo é “Caribs and Arawaks”. (N.T.)

Seria perverso e sem auxílio presumir que nenhuma relação do tipo existiria, mas seria ingênuo e crédulo falar – como fizeram alguns – das “palavras francas, genuínas e sem adorno”⁷ do *Diário*. A circunspeção seria certamente evocada. Contudo, se o *Diário* não é tomado nem como testemunho direto (*eye-witness document*) privilegiado do descobrimento, nem como registro etnográfico acurado, mas sim como a primeira fábula (*fable*) do começo europeu na América, aí sua história textual complexa e seu estatuto levemente dúbio torna-se menos importante do que a narrativa incrível que ele revela.

Este não é um argumento a favor de algo como retirar Colombo e seu *Diário* da história. É, na verdade, o oposto; e, gradualmente ao longo deste capítulo, o contexto do *Diário* será inscrito no texto. Este é um argumento a favor de retomar questões particulares de correção e confiabilidade histórica para ver o texto como um todo, sondar a estrutura da sua narrativa e mapear os jogos (*interplay*) de seus registros (*registers*) lingüísticos e modalidades retóricas. Ler o *Diário* desta forma envolve também adiar questões biográficas: o Colombo do qual falamos é para o momento uma função textual, o “eu” do *Diário* que é eventualmente e escandalosamente transformado em terceira pessoa pela intervenção do “eu” do transcritor.

O *Diário* é genericamente peculiar. Em parte, é um diário de bordo e registra, ao longo de todo o texto, os detalhes de navegação de toda a viagem de Colombo. Normalmente, comentadores concordam que ele foi escrito até quase todas as noites dos seis meses e meio da viagem, não sendo revisado nem reescrito, e não tendo sido construído com vistas a uma publicação. Ele certamente dá esta idéia, que é a única coisa que importa aqui: Colombo é apresentado pelo *Diário* como respondendo, dia a dia, aos estímulos dos novos desafios e problemas. Embora sua forma genérica seja náutica, o *Diário* é também, em turnos, memória pessoal, “diário de campo” (*ethnographic notebook*) e um compêndio de fantasias européias a respeito do Oriente: um verdadeiro palimpsesto.

⁷ Leonardo Olschki, 'What Columbus saw on landing in the West Indies'. *Proceedings of the American Philosophical Society*, LXXXIV, 1941, p. 649.

4

“De cujo nome foi subsequente estendido como um termo descritivo”. A morfologia lingüística preocupa-se apenas com a conexão estabelecida entre o termo “canibal” e a prática de comer carne humana. Nós vimos como a primeira menção ao termo em um texto europeu aparece com referência a tal prática, e para um lingüista é satisfatório, mas não de um interesse intrínseco, notar como esta referência está sempre presente, implícita ou explicitamente, em qualquer uso registrado da palavra “canibal” de Colombo, em 23 de novembro de 1492, em diante. Ela foi adotada no seio das línguas da família européia com tamanha rapidez e a prontidão que sugere que sempre houve um espaço vazio à espera dela. Pobre “antropofagia”, se não tornou-se órfã, foi jogada ao relento até que encontrada, já como palavra em desuso, no século XIX, no interior das novas disciplinas que buscavam autoridade no emprego de terminologia clássica.

Tudo isto torna ainda mais estranho quando o contexto daquela passagem inicial imediatamente coloca a associação entre a palavra “canibal” e comer carne humana em dúvida. Las Casas continua:

O almirante, que bem acredita que há algo de real nisto, mas que, uma vez que estavam bem armado, deviam ser gente de razão [*gente de razón*] e ele acreditava que deviam ter capturado alguns homens e que, por conta de eles não terem retornado à sua própria terra, dizia-se que foram comidos. (J 69)

Essa passagem não é de interesse algum para a morfologia lingüística, uma vez que o ceticismo de Colombo falhou em infringir sobre a história da palavra. Etnograficamente, é provável que fosse de interesse restrito, mostrando meramente o ceticismo inicial de Colombo e, por conseguinte, tornando-o um testemunho mais fidedigno no final. Mesmo do ponto de vista da etnografia revisionista que queria descontar (*discount*) sugestões de antropologia ingênua, a passagem poderia ser vista somente como evidência da voz momentânea da razão européia logo a ser derrotada pela persistência das difamações arauaques de seus inimigos tradicio-

nais. Atenção às complexidades discursivas do texto sugerirá uma leitura distinta.

O grande paradoxo do *Diário* de Colombo é que, embora a viagem de 1492-3 viesse a ter tamanho efeito devastador e longo tanto sobre Europa quanto sobre a América, e ainda viesse a ser celebrada como um dos mais famosos e evidentes feitos da humanidade, o próprio registro fala de mal-entendidos, falhas e desencontros. O maior deles – o não alcance da Ásia – era muito grande para Colombo um dia aceitar. Os menores são, de certa maneira, ainda mais sugestivos.

De acordo com o relato fornecido pelo *Diário*, os espanhóis chegaram com toda uma série de objetivos e expectativas, e ocuparam-se dos seus anfitriões nativos com perguntas. Na maior parte, Colombo dá a impressão de uma comunicação bem direta com os nativos, mas este não foi, na verdade, o caso. As embarcações espanholas traziam apenas um intérprete, Luís de Torres, especialmente escolhido por falar hebraico, aramaico e um pouco de árabe; portanto, não há razão, de nenhum modo, para acreditar que houve comunicação inicial. Os nativos, presumidamente, permaneceram desconcertados, mas deram (mormente por meio de sinais) o que pareciam ser as respostas corretas para despachar os seus visitantes – ao apontarem com entusiasmo o dedo indicador ao horizonte; os espanhóis, satisfeitos em achar que o que procuravam estava bem perto, pensavam que eles estavam entendendo uns aos outros muito bem. Em 11 de dezembro, três meses depois de sua primeira chegada em terra, Colombo admite: “A cada dia nós entendemos melhor estes índios e eles a nós, embora muitas vezes tenha havido mal-entendidos” (J 93). Isto é difícil de crer, mesmo que houvesse indicação de melhora subsequente de comunicação nos meses que seguem. De outubro a dezembro (os meses em questão), não há qualquer evidência e nenhuma razão para supor que aquilo que Colombo apresentou como um diálogo entre um europeu e um nativo não seja outra coisa que não um monólogo europeu: Las Casas tem uma nota marginal sobre um dos termos em questão (23 de

novembro de 1492), comentando a respeito do mal-entendido de Colombo quanto à palavra “Bohio” (na verdade, “casa”) ser o nome de uma ilha: “isto mostra quão pouco ele os compreendia”⁸. Ainda que o monólogo não seja de nenhum modo simples ou homogêneo, o ceticismo inicial de Colombo não deve ser explicado como uma chama da razão européia, mas sim como o resultado de um conflito discursivo interno ao próprio monólogo europeu.

Em síntese, o que uma leitura sintomática do *Diário* revela é a presença de duas redes distintas de discurso. Em linhas gerais, cada discurso pode ser identificado, com segurança, por palavras chaves: em um caso “ouro”, “Cathay”, “Grande Khan”, “soldados inteligentes”, “grandes construções”, “navios mercantes”⁹; no outro, “ouro”, “selvajaria”, “monstruosidade”, “antropofagia”. Ainda mais seguramente, cada discurso pode ser rastreado a partir de uma única origem textual, respectivamente Marco Polo e Heródoto. De maneira mais circunspecta, há aquilo que poderíamos chamar de discurso da civilização Oriental e de um discurso da selvajaria, ambos, repertórios de tópicos e motivos que podem ser traçados desde a antigüidade clássica. É tentador afirmar que o primeiro baseou-se em conhecimento empírico e o segundo em projeção psíquica, mas isto seria uma falsa dicotomia. Não há dúvida quanto à existência de uma realidade material – o mercado que foi, se não intermitentemente, sendo constituído entre Europa e o extremo Oriente

⁸ Columbus, *Diario de Colón*, fol 26v.

⁹ “Kahn” é a forma estabelecida em inglês [N. do T. e também em português], mas é importante que em Marco Polo e Mandeville ela é sempre escrita como “Can” ou “Caan”. No sentido estreito, Cathay era simplesmente a província onde o Kahn tinha sua capital – como Colombo sabia a partir de Marco Polo; mas este é o significante geográfico mais rico. Para a idéia de Colombo da geografia chinesa, ver figura 3. Por algumas razões, a cidade de Quinsay e o porto de Zaiton (ambos na província de Mangi – controlada pelo Grande Khan) são mais importantes que Cathay para Colombo. Quinsay foi, de acordo com Marco Polo, a tesouraria do Kahn, Zaiton seu porto mais importante e centro comercial para todos os produtos do leste (*The travels of Marco Polo*, trans, R. Latham, London, 1958, pp. 221 e 237-8).

por muitos séculos. Na busca por esse mercado ou como resultado dele, houve muitos europeus que viajaram para o extremo Oriente, mas suas palavras não são, de modo algum, puros reflexos “daquilo que viram”. Por essa razão, é melhor falar de discursos identificáveis. Existe uma panóplia de palavras e expressões utilizadas para falar do Oriente: a maioria relativa às suas força e riqueza, como deveria, uma vez que a Europa enviou ao leste, por muitos anos, grandes quantidades de ouro e prata. O relato de Marco Polo foi o mais conhecido emprego dessas tópicas¹⁰. O discurso da selvajaria mudou, na verdade, muito pouco desde a “investigação” de Heródoto acerca dos vizinhos bárbaros da Grécia. Os locais mudaram, mas as descrições de Amazonas, Antropófagos e de Cinocéfalos permaneceram constantes através de Tésias, Plínio, Solino e muitos outros¹¹. Este discurso foi hegemônico no

¹⁰ Colombo conhecia a edição latina de 1483 do livro de Marco Polo (*Divisament dou Monde*), impresso em Gouda e editado junto com as *Viagens* de Mandeville (Carlos Sanz, *El gran secreto de la carta de Colón*, Madrid, 1959, p. 55). A maioria dos termos chave do discurso está na importante correspondência de Toscanelli com Colombo (em: Christopher Columbus, *Journals and Other Documents on the Life and the Voyages of Christopher Columbus*, ed. and trans. S.E. Morison, New York, 1963, pp. 11-17). Dos tempos clássicos em diante, a Europa se entretiveu com um amplo conjunto de noções sobre o Oriente. O que é chamado, aqui, de discurso Oriental é um tanto mais específico: uma série de idéias sobre a civilização da China, na maioria de origem clássica, existindo de maneira fragmentada pela Idade Média, mas unidas em um discurso apenas pelo *Disavisament dou Monde* (c. 1300). O discurso é então disseminado pelas várias edições e traduções do *Disavisament*, ganhando os seus termos peso e valor pela autoridade de uma testemunha ocular, sendo Marco Polo o terreno sobre o qual se apóia o discurso no real. A existência do discurso só é entendida na sua totalidade a partir de seu contexto institucional e ideológico. Para uma visão panorâmica das concepções européias sobre a China, ver: *The Chinese Chameleon: Na Analysis of European Conceptions of Chinese Civilization*, London, 1967.

¹¹ “Heródoto” precisa ser tomado como um termo taquigráfico para enfatizar o seu estatuto de um início puramente contingente, uma vez que o discurso da selvajaria era claramente um fenômeno oral: os textos homéricos provêm este discurso, como é de se esperar, de alguns terrenos interessantes. Mas Heródoto, mais que Homero, pois Heródoto é a autoridade, tanto das fontes reconhecidas como das

sentido que forneceu um vocabulário popular para a construção da “alteridade” (*otherness*) e não foi dependente da reprodução *textual*. A autoridade textual estava, contudo, acessível a Colombo em Pierre d'Ailly, em Enéas Sílvio e, ainda também, no texto que conhecemos como “Marco Polo”, mas que é propriamente *Divisament dou Monde*, cuja autoria é de um escritor de romances em francês e já em si uma rede discursiva inextricável¹².

Nas primeiras semanas da viagem de Colombo, é possível ver uma certa disputa por posição entre estes dois discursos, mas sem que haja conflito aberto. A relação entre eles é expressada como aquela entre presente e futuro: este é um mundo de selvajaria, sobre o qual acharemos Cathay. Mas

não reconhecidas, para as várias tópicas do discurso que viajam através de uma variedade de textos gregos e latinos pela Idade Média e pelas primeiras obras literárias em línguas vernáculas. Esta viagem pode ser traçada em: R. Wittkower, 'Marvels of the East: A study in the history of monsters', *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, V, 1942, pp. 159-97; os primeiros capítulos de Margaret T. Hodgen, *Early Anthropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, Philadelphia, 1964; e J. B. Friedman, *The Monstrous Races in Medieval Art and Thought*, Cambridge, Mass., 1981, que fala das “Raças Plineanas”. A vantagem da referência a Heródoto (ou Plínio) é que sublinha a natureza discursiva destes fenômenos, puramente “outro” da humanidade então conformada do mundo greco-romano e da cristandade. O processo longo de abstração e epitomização alcançou sua conclusão na *Imago Mundi* de Pierre d'Ailly (c. 1410, trans. E.F. Keever, Wilmington, NC, 1948), na *Historia rerum unigue gestarum* de Enéas Sílvio (c. 1410), e no livro do “Senhor John Mandeville” (c. 1355, *Mandevilles Travels*, ed. M. Letts, 2 vols, London, 1953). As três raças monstruosas de maior importância no *Diário*, e que vão aparecer de várias maneiras nas próximas páginas, são primeiramente mencionadas por Homero (Amazonas, *Iliad*, 3.189, 6.186) e em Heródoto (Antropófago, IV, 128; Cinocéfalos, IV, 191; Amazonas, IV, 110-17).

¹² Ver a brava porém fútil tentativa de Leonardo Olschki em retirar “fato” de “ficção”, “observação” de “estória”, para extrair algum Marco Polo puro das palavras do romanceiro Rustichello (*Marco Polo's Asia*, trans. John A. Scott, Berkley, 1960). Até recentemente, era uma prática comum acusar a Idade Média por não ser capaz de distinguir Marco Polo de Mandeville. A intelectualidade moderna tem menos certeza: ver, por exemplo, Dorothy Metlitzki, *The Matter of Araby in Medieval England*, New Haven, 1977.

há dois terrenos potencialmente de conflito, um consciente – no sentido de ser apresentado no texto; um outro inconsciente – no sentido de ser apresentado somente na ausência e de necessitar ser reconstruído pelos traços que deixa. O conflito consciente é que estes dois elementos, “os soldados do Grande Khan” do discurso de Marco Polo e os “selvagens comedores de gente” do discurso de Heródoto, estão competindo por um único significante – a palavra “canibais”. A hesitação de Colombo em 23 de novembro pertence a um amplo padrão de referências nas quais “canibal” é consistentemente usada pelos anfitriões nativos como “comedor de gente”, enquanto ela inevitavelmente o remete a “el Gran Can”. Em várias passagens, os fonemas ecoam um ou outro a partir de linhas distantes até que finalmente coincidem em 11 de dezembro de 1492:

parece provável que eles são importunados por uma raça inteligente, todas estas ilhas vivem sob grande medo daquelas de Caniba. “Então, eu repito o que já disse em outra ocasião”, ele fala, “Os Caniba são nada mais que os homens do Grande Khan [*que Caniba no es otra cosa sino la gente del Gran Can*], que devem estar muito próximos daqui e ter embarcações, e eles devem vir pegá-los como cativos, e, como os prisioneiros não retornam, eles acreditam que foram comidos.” (J 92-3)

Os dois “Can” são identificados como um único, a identificação crucial é localizada e “canibal” como comedor de gente deve simplesmente desaparecer, não tendo nenhuma referência a ser atada a ela. Exceto, é claro, que isto não desaparece de modo algum. Isto seria fácil demais. Na verdade, a afirmação da identidade de “Caniba” com “gente del Can”, longe de marcar a vitória do discurso Oriental, assinala sua amarga derrota; como se a evidência fonética crucial tivesse sido apenas trazida à presença textual uma vez que seu poder de controle da ação falhou. Para entender isto, será necessário olhar com maiores detalhes o curso da viagem de Colombo através do Caribe (cf.. Figura 2).

5

O ouro não era simplesmente o único elemento comum entre os discursos Oriental e da selvajaria; ele era, em cada caso, um termo central ao redor do qual outros eram agrupados. O ouro Oriental e o ouro selvagem mostraram ter apelos muito diferentes, mas, nas primeiras semanas da viagem, eles dividiram um único significante, que guiou Colombo como um imã através do deslumbrante arquipélago das ilhas Bahamas:

SEGUNDA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO ... Estas ilhas são muito verdes e férteis e os ventos são muito suaves, e é possível que haja muitas coisas nelas, das quais eu não sei, pois não quis atrasar-me na procura por ouro, descobrindo e visitando muitas ilhas. (J 30)

TERÇA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO ... Eu não me alonguei muito aqui ... uma vez que eu vejo que não há mina de ouro ... Eu digo que não é certo alongar-me, mas seguir nosso caminho e descobrir muitas terras até que alguma lucrativa seja alcançada. (J 42)¹³

Ouro era o objeto de desejo, mas “ouro” pode ser articulado por ambos discursos. Além disso, neste estágio, ambos discursos apontam na mesma direção. De acordo com a geografia medieval do discurso Oriental, a costa de Cathay vai de NO a SE e a grande ilha de Cipangu (Japão) tinha um conjunto de pequenas ilhas ao seu nordeste (cf. Figura 3). Assim, a primeira chegada em terra em Guanahani não foi problemática; estava claro que era uma dessas ilhas menores. Um curso ao sudoeste o levaria a Cipangu ou, se ele perdesse Cipangu, à costa de Cathay. O fato de os dedos dos nativos terem sido apontados também para o sudoeste, sem dúvida por suas próprias razões¹⁴, serviu para sustentar a ligação tradicional entre as fontes de ouro e os trópicos:

¹³ De acordo com Carlos Sanz, “ouro” é a palavra mais usada no *Diário* com mais de 140 ocorrências (*Diario de Colón*, p. xix).

¹⁴ Ver: Peter Hulme, 'Columbus and the cannibals: a study of the reports of anthropofagy in the Journal of Christopher Columbus', *Ibero-Americanisches Archiv*, N.F., IV, 1978, p. 128.

QUARTA-FEIRA, 21 DE NOVEMBRO ... Por conta do calor, que o almirante disse ter experimentado aqui, ele argumentou que nestas Índias e lá onde ele estava, deveria haver muito ouro. (J 68)

Em 21 de outubro, Colombo ouviu falar, pela primeira vez, de Cuba:

Eu desejo partir para uma outra ilha bem grande, a qual eu acredito ser Cipangu, de acordo com os sinais feitos pelos índios com os quais eu estava; eles a chamam de “Colba”. Eles dizem que há embarcações e excelentes marujos lá... Mas e ainda estou determinado a prosseguir ao continente e à cidade de Quinsay e entregar as cartas de Vossa Alteza ao Grande Khan, pedir-lhe uma resposta e retornar com ela. (J 41)

A determinação ainda é atravessar a ilha até o continente. Eles rumaram oeste-sul-oeste e alcançaram Cuba em 28 de outubro:

Os índios falaram que naquela ilha havia minas de ouro e pérolas; o almirante viu que o local era apropriado para eles. E o almirante entendeu que as embarcações do Grande Khan vêm de lá, e que são grandes; e que de lá ao continente dá dez dias de viagem. (J 46)

Colombo imediatamente parte rumo noroeste até a costa de Cuba, mas suas noções geográficas rapidamente perdem sua certeza (cf. Figura 4). Esta não era uma das ilhas menores, e nem, evidentemente, a rica e civilizada ilha de Cipangu:

TERÇA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO ... Após terem seguido quinze léguas, os índios que estavam na caravela *Pinta* disseram que atrás daquele cabo havia um rio e que, daquele rio até Cuba era quatro dias de viagem. O capitão da *Pinta* disse que entendeu que Cuba era uma cidade e que a terra era um continente muito extenso que alongava-se longe ao norte e que o seu rei estava em guerra contra o Grande Khan... O almirante resolveu ir até aquele rio e enviar um presente ao rei da terra e uma carta dos Soberanos...; e ele fala que deve tentar chegar ao Grande Khan, pois achava que ele estava nos arredores, ou à cidade de Cathay, que pertence ao grande Khan, e que, como ele diz, é muito grande, como a ele foi dito antes de sua saída da Espanha. (J 49)

A recusa das ilhas caribenhas em confirmar as expectativas “Orientais” está ficando, por agora, embaraçosamente evidente. Contudo, a inter-

pretação de Martín Alonso Pinzón de suas anotações de guia oferece uma saída. Se Cuba é uma cidade, então este deve ser o continente e Quinsay não deve estar longe ao norte (dado que ela tinha supostamente a mesma latitude das Canárias). De lá depois segue uma extraordinária série de eventos, cujo esboço será fornecido antes de discuti-la em detalhes.

Colombo começa dizendo, aliás de maneira muito razoável, já que acreditava estar no continente, “que deve tentar chegar ao Grande Khan”; ainda na mesma sentença, ele anuncia que está a 42° ao norte do Equador, evidentemente uma afirmação exagerada de sua posição. Ainda no mesmo dia, ele faz um esforço incoerente de navegar a noroeste:

QUARTA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO Por toda a noite, na Terça, ele deu voltas, e viu um rio no qual ele não poderia entrar por sua boca ser estreita... E navegando mais ao longe, ele achou um cabo que se salientava bem de longe e que era contornado por estreitos, então ele viu uma enseada ou baía, onde pequenos barcos poderiam entrar, mas ele não podia fazê-lo, pois o vento tinha mudado para o norte e toda costa ia norte-noroeste e sudeste. Outro cabo que ele avistou salientava-se mais ao longe. Por esta razão e por causa do céu mostrar que ventaria forte, ele teve que retornar ao Río de Mares. (*J* 49)

No dia seguinte ele perambula pela costa, mas anuncia firmemente “que este é o continente, e que estou”, ele fala, ‘perante Zaiton e Quinsay, a mais ou menos cem léguas de distância de uma e outra’ (*J* 51). Curiosamente, no dia seguinte, em vez de navegar a noroeste de novo, ele manda uma comitiva a terra. Cuba, ele tinha descoberto depois de tudo, estava a apenas quatro dias pelo rio, porém não este rio (Río de Mares), mas aquele ao noroeste para além do cabo. Os membros da comitiva são prevenidos com toda seriedade e são despachados; Colombo mede sua latitude de novo, agora com um quadrante, e novamente conclui com 42° Norte. Ele, depois, leva quatro dias esperando sua comitiva retornar, tentando sempre comunicar-se com os nativos:

SEGUNDA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO... O almirante mostrou canela e pimenta a alguns índios daquele lugar – eu suponho que algu-

mas daquelas que ele trouxe de Castela como “moeda de troca” – e eles as reconheceram, como ele fala, e indicou por sinais que havia muito daquilo próximo dali, em frente ao sudeste. Ele lhes mostrou ouro e pérolas e um certo senhor respondeu que, em um certo lugar que chamavam “Bohio” havia uma vasta quantidade e que eles usavam aquilo ao redor do pescoço, nas orelhas e nas pernas e também pérolas. Ele depois entendeu que eles falavam que havia grandes embarcações e um mercado e que tudo isto estava ao sudeste. Ele também entendeu que longe dali havia homens com um só olho e outros com focinhos de cão que comem homens, e que quando eles pegavam um homem, eles cortavam sua cabeça, bebiam o seu sangue e o castravam. O almirante determinou retornar à embarcação para esperar os dois homens que ele enviou, com a intenção de ir à procura daquelas terras caso não trouxessem alguma boa novidade das coisas que sondaram. (*J* 52)¹⁵

Na noite seguinte (entre 5 e 6 de novembro), os homens retornaram, tendo achado a cidade Oriental. Colombo relata sua estória e depois faz uma afirmação. Las Casas, captando o tom portentoso, cita as palavras literalmente:

“Eles eram”, diz o almirante, “um povo livre de malícia e não afetos da guerra; eles estavam todos nus, homens e mulheres, como as suas mães os pariram. É verdade que as mulheres usam apenas um pedaço de algodão, grande o suficiente para cobrir sua vergonhas e não mais, e eles são de muito boa aparência e não muito pretos, ainda menos que os das Canárias. Eu sustento, mais Serenos Príncipes,” o almirante diz aqui, “que tendo religiosos devotos, sabendo sua língua, eles se tornariam cristãos facilmente, e, assim, eu espero em o Nosso Senhor que Vossa Alteza agirá quanto a isto com toda diligência, para trazer à Igreja tão excelente povo e convertê-lo, da mesma forma

¹⁵ Olschki diz que “pode-se tomar por verdadeiro que esta imagem corresponde mais a idéias populares sobre a riqueza e a luxúria do Oriente que prevalecem nas estórias do Mediterrâneo, que com a imaginação dos simples nativos das Índias Ocidentais” (*What Columbus saw*, p. 656). Isto está em acordo com o âmago de meu argumento, embora não se possa esquecer que os nativos portadores de ouro do continente deveriam, como acontece, corresponder a algo bem próximo das idéias européias sobre a riqueza Oriental: ver, por exemplo, Warwick Bray, *The Gold of El Dorado*, London, 1978 e André Emmerich, *Sweet of the Sun and Tears of the Moon: Gold and Silver in Pre-Columbian Art*, New York, 1977, capítulos VII-XII. A ênfase do meu argumento tende a recair, portanto, sobre a *mudança* na terminologia.

que o senhor destruiu aqueles que não aceitariam o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e que depois de seus dias, por sermos todos mortais, o senhor deixará nosso mundo no mais tranqüilo humor e livre da hereesia e da malícia, e será bem recebido perante o eterno Criador, a Quem agradaria dar-lhe longa vida e grande aumento de reinos e senhorios, além de inclinação para espalhar a sagrada religião cristã, como o senhor vem fazendo até agora. *Amen*. Hoje, eu retornei à embarcação e estou preparando para partir na Terça-feira em nome de Deus, para ir ao sudeste para procurar ouro e especiarias e descobrir terra.” (J 57)

Em seis dias, a absoluta determinação para navegar ao noroeste se transformou, igualmente, em absoluta determinação em navegar na direção precisamente oposta.

A natureza crucial dessa decisão de Colombo pode ser sondada a partir da acumulação quase maníaca de explicações que ele oferece. Além do enunciado do *Diário*, ele dá uma enorme conta disto em *Carta* posterior – endereçada aos monarcas espanhóis, mas que foi o documento através do qual a “descoberta” ficou conhecida em toda a Europa – para a justificativa da mudança:

Quando eu vim para Juana [Cuba], eu persegui sua costa em direção ao oeste, achando-a tão extensa que eu pensei poder ser o continente, a província de Cathay. E uma vez que não havia cidades ou vilas no litoral, mas pequenos povoados apenas, com cujo povo não pude falar por fugirem imediatamente, eu segui em frente no mesmo curso, pensando que eu não deixaria de encontrar grandes cidades e povoações. No final de muitas léguas, vendo que não havia mudança alguma e que aquela costa me levava ao norte, o que eu queria evitar, pois o inverno estava aproximando-se, eu propus irmos ao sul, e, como, além disto, o vento me levava em frente, eu determinei não esperar por uma mudança no tempo e retracei o meu caminho a algum porto já reconhecido por mim. (J 191-2).

Deve-se notar que “muitas léguas” era, na verdade, dois dias navegando e que o resto da *Carta* é quase totalmente desprovida de detalhes de navegação. Carl Sauer aponta a natureza ilógica do retorno de Colombo:

Colombo deu muitas desculpas para não continuar até a terra do Grande Khan, cujos portos ficariam à dez dias de barco ou a cem lé-

guas. A costa, o vento e a corrente levavam todos ao oeste. Uma mera mudança local da costa em direção ao norte foi tomada como uma *mudança contínua de direção*. A passagem de uma frente de ar frio do norte por alguns dias ele interpretou como a chegada do frio de inverno, embora ele tenha escrito, ao mesmo tempo, sobre seu delicia-mento no verdor tropical. Uma breve mudança no vento tornou-se adversidade de ventos do norte.¹⁶

O despacho imoderado da comitiva ao interior de Cuba também gerou comentários. Las Casas especulou que, quando Colombo mostrou um objeto de ouro, os nativos pronunciaram a palavra “Cubanacán” (Cuba central) – um local onde uma quantidade limitada de ouro existia – e apontaram ao interior pelo rio; Colombo, obviamente, de imediato juntou Cubanacán com “el Gran Can”.¹⁷ Alternativamente, Morison sugere que os nativos “simplesmente confundiram a mímica dos espanhóis de majestade imperial com o desejo de encontrar o seu cacique”.¹⁸ No caso, Luís de Torres fez-se intruso com passaporte latino, a carta em latim com credenciais de Fernando e Isabela, e um presente real. Como o falante de árabe da expedição, supunha-se que ele poderia fazer contato direto com o Grande Khan. Tudo isso se tornou inútil. O grupo viajou 25 milhas até o Vale de Cacoynugin, onde eles não acharam sequer uma cidade murada, quanto mais Quinsay (Hangchow), na época a maior cidade do mundo, mas apenas uma vila com cinquenta casas. Eles foram tratados com respeito mas não viram sinal algum da civilização que esperavam.

Mas a mais interessante (e mais problemática) evidência relaciona-se com a afirmação ridiculamente equivocada de Colombo quanto à sua posição. Las Casas foi claramente esquemático ao reportar a leitura de 30 de outubro: “Na opinião do almirante, ele estava a quarenta e dois graus ao norte de distância da linha equinocial, se o texto do qual eu copiei isto não

¹⁶ Carl Ortwin Sauer, *The Early Spanish Main*, London, 1966. p. 22.

¹⁷ Nota marginal em *Diario de Colón*, fol. 19r.

¹⁸ Samuel Eliot Morison, *Admiral of the Ocean Sea: A Life of Christopher Columbus*, Boston, 1942, p. 257.

está errado” (J 49); mas os números são confirmados duas vezes: em 2 de novembro, nesse momento, surge um elemento de dúvida (“era ... sua opinião que ele não estava tão longe” (J 67)). Puerto Gibara, no o estuário do Río de Mares de Colombo, fica, na verdade, a 21° 06' ao norte. Tendo planejado o seu curso na direção oeste das Canárias e, depois, navegado sudoeste através das Bahamas, Colombo deveria saber que ele não poderia estar a mais de 25° ou 26° norte, mesmo permitindo algum erro de navegação. As razões para este aparentemente inexplicável erro têm entretido muito os comentadores; é dito que este é o ponto textual mais disputado de todo *corpus* colombiano. Um comentador postulou um quadrante imaginário que lia dobrado. Outro argumentou que Colombo estava tentando desviar suas pegadas dos portugueses. Las Casas sugeriu que o escrivão copiou 21 como 42 – um erro improvável, particularmente em três ocasiões separadas. Morison acreditou ter achado a explicação:

A explicação real é simples: Colombo escolheu a estrela errada. Ele estava apontando Alfirk (β Cephei), que, em Novembro, nasce ao norte no crepúsculo; confundindo-a com Polaris, cujos “apontadores” familiares estavam abaixo do horizonte.¹⁹

Mas a descrição do que aconteceu não é uma explicação. Um erro simples, repetido duas vezes, parece improvável para um navegador tão experimentado em um clima calmo e relativamente claro.²⁰ Mas se o *desejo* era navegar sudeste, então 42° norte poderia certamente ser uma justificativa, já que Quinsay e Zaiton não poderiam estar tão ao norte e Marco Polo, portanto, poderia ser satisfeito. Essa é a única razão que Colombo *não* dá para sua mudança de direção, embora possa, superficialmente, ser a mais convincente. Isto parece indicar que o erro de posição não foi a *razão* para a alteração do curso de Colombo, mas a justificativa *post hoc* da alteração para ele

¹⁹ Morison, pp. 258-9. Ver também seu “Colombo e Polaris”, *American Neptune*, I, 1941, pp. 1-20 e 123-37.

²⁰ Uma afirmativa de Björn Landsdrom, *Columbus*, London, 1967, p. 79.

mesmo. Isto não poderia ser uma fabricação: Colombo conscientemente poderia ter certeza de que estava errado e, mesmo assim, tamanha fabricação inconsistentemente sustentada não poderia ter convencido ninguém. Colombo queria navegar a sudoeste ao invés do óbvio noroeste (óbvio, se ele estava procurando as cidades do Grande Khan), e a falha na leitura da latitude possibilitou-o convencer-se de que estava tomando o curso correto e lógico. Uma vez que sua decisão era irrevogável, ele poderia dar voz às próprias dúvidas, colocando o erro em um quadrante equivocado (J67).

Estas páginas do *Diário* oferecem, assim, uma série de traços que marcam o território de um conflito discursivo. Os comentadores têm-se detido a estes traços, mas tentando interpretá-los como séries de problemas individuais (um acidente aqui, uma mudança de opinião ali) e, mais seriamente, como uma reflexão não mediada pelo processo mental de Colombo.

Uma leitura do conflito discursivo como um todo poderia aparentar desta maneira. Simplificadamente, os traços marcam a derrota do discurso Oriental como princípio articulador do *Diário*. Até 29 de outubro de 1492, Colombo teve, ao menos para o seu próprio contentamento, condição de dar respostas suficientemente positivas para suas questões baseadas em Marco Polo, para operar naquela grade interpretativa. Mais ao ponto, as direções indicadas por Marco Polo coincidiam tanto com aquelas noções recebidas de Colombo quanto com os dedos dos nativos apontando para o ouro. Na costa de Cuba, Colombo, sem hesitação e sem comentários, imediatamente navegou a noroeste antes de, com todas estas explicações, estranhas manobras e afirmativas sem sentido de posição, mudar de direção. O ponto fundamental, que Sauer reconheceu, é que, quando o terreno indicou que um curso ao sudoeste não era possível e forçou uma escolha entre noroeste e sudeste, Colombo optou pelo sudeste por ser mais provável achar ouro lá: não, é claro, o ouro de Cathay, mas as minas exploráveis de “ouro selvagem”. Não foi uma decisão difícil, foi uma que não poderia ser trazida à consciência textual, pois, para fazê-lo, ter-se-ia que admitir que toda a empresa colombiana teria

sido em vão. Como resultado, o texto foi aparelhado com razões convincentes para a decisão de navegar a sudeste, mas, como o exemplo de Freud do vizinho que esquece de devolver a cafeteira emprestada, Colombo aparelha com um *excesso*. As questões meteorológicas são abarcadas adequadamente pelo comentário de Sauer: elas possibilitam o texto a *sugerir* que mover em direção ao norte no inverno (na costa de Cuba!) não seria nada sábio, mas elas precisariam de suportes mais firmes. Estes são providenciados pelo erro inconscientemente deliberado de tomar Alfirik por Polaris.

A esta luz, a comitiva pode ser vista não tanto como uma tentativa de localizar uma corte Oriental, mas como Colombo criando para si uma prova empírica decisiva da ausência de cortes Orientais. Ninguém sequer sugeriu que havia alguma terra adentro a partir Ríó de Mares – as primeiras notícias eram sobre uma cidade terra adentro a partir de um rio mais a oeste; não havia razão alguma para supor a existência de qualquer grande cidade para ser encontrada. Mas, criando uma expectativa e, por conseguinte, desapontamento subsequente, o texto é capaz de produzir, como aconteceu, uma nuvem de fumaça por detrás da qual a direção da partida de Colombo não pareceria significativa. Em outras palavras, a comitiva foi enviada com tal solenidade excessiva *para retornar com a falha*. Ao incidente é dada uma cobertura extensa no *Diário*. A *Carta* pode conseguir ser lacônica:

Eu enviei dois homens para verem se havia um rei ou grandes cidades. Eles viajaram por três dias, encontrando uma infinidade de pequenos vilarejos e uma quantidade inumerável de pessoas, mas nada de importância. Por essa razão, retornei. (J 192)

A partida da comitiva cria um espaço de quatro dias, o que demonstra ser o centro imóvel do *Diário*. O implacável momento à frente da empresa é parado. O tempo é quase suspenso. Estas são as páginas mais ricas do *Diário* em descrição do mundo natural. É o primeiro idílio europeu nos trópicos. Textualmente, também, um espaço foi aberto, no interior do qual o discurso herodotiano pode-se revelar, particularmente (uma vez que é este o que mais nos concerne aqui), o seu lado mais sombrio, pois é, enquanto a comitiva está

fora, enquanto o discurso Oriental ocupava outro lugar, que nós lemos, pela primeira vez a respeito de “homens com um olho e outros, com focinho de cão, que comem homens” (*J 52*): emprego da teratologia padrão do Mediterrâneo.

Novamente, não é acidental que, ao fim deste idílico (na verdade, como uma forma de anunciar seu fim), Colombo apresente sua mais importante afirmação de bom senso, citada, em discurso direto, por Las Casas. Começa como um argumento a favor da bondade natural dos nativos das Antilhas (“muito sem malícia e pacíficos... nus... não muito negros”); confia que Fernando e Isabela serão bem recebidos pelo Criador por terem convertido tantos pagãos (tentando reparar ao menos algo da ausência de ouro, especiarias e Khan do primeiro mês desde o primeiro aportamento em terra); ora para a vida e impérios de seus soberanos; e depois apenas pode dizer aquilo para que os últimos quatro dias e muitas palavras foram elaborando:

Hoje, eu voltei com a embarcação ao mar e estou me preparando para partir na Quinta-feira em nome de Deus, para seguir sudeste em busca de ouro e especiarias e para descobrir terras. (*J 57*)

Essas palavras foram escritas na terça-feira, dia 6 de novembro. A passagem termina com uma nota de profundidade sem paralelos:

Todas essas palavras são do almirante, que planejava partir na Quinta-feira, mas, como o vento estava contrário, ele não conseguiu partir até o vigésimo dia de Novembro. (*J 57*)

O bastante para a investida dos ventos do norte de inverno. Não há mais passagens até a mudança do vento.

6

Durante este período de paralisia na costa de Cuba, o discurso Oriental é substituído pelo discurso herodotiano de selvajaria como princípio articulador do texto colombiano. A natureza forçosa deste deslocamento, só evidente nas sublevações textuais, é disfarçada até certo ponto pela continuidade aparente fornecida pelo significante comum (e realmente central) de am-

bos os discursos: “ouro”. Mas a mudança pode, no final, ser mapeada pela substituição gradual das metonímias do ouro Oriental por aquelas do ouro selvagem. Em outubro, Colombo ouvia falar de “um rei que tinha grandes recipientes disso e que possuía muito ouro” (*J* 26), de “muito grandes braceletes de ouro nas pernas e nos braços” (*J* 29), e de “braceletes em seus braços e em suas pernas, em suas orelhas e narizes e ao redor de seus pescoços” (*J* 30). Depois de outubro, isso se transforma em nativos cavando por ouro (*J* 58), ou o peneirando e o refinando (*J* 140). (Pode-se notar a preocupação descabida com a sustentação na linguagem.) Como resultado, Quinsay não mais é mencionada como destino; o Grande Khan e seus navios mercantes ainda aparecem ocasionalmente, mas somente em momentos nos quais não há perigo de contradições empíricas. Substituída como discurso articulador, a terminologia Oriental permanece apenas como vestígio.

A mudança no significado (*signified*) dominante do ouro é, o que deve ser enfatizado, determinante. Um de seus efeitos é determinar o início de uma tensão sobre o significante “canibal”, mas uma resolução imediata seria difícil de se esperar em um texto tão carregado. O uso de “canibal” como “soldado do Khan” luta contra uma ação resguardada porém essencialmente desviante (23 de novembro), e a equivalência fonética, sua mais poderosa arma embora não trazida à cena até 11 de dezembro, é, em essência, um gesto tão vazio quanto a comitiva cubana. Não há nada agora que impeça os “canibais” de assumir seus papéis de selvagens comedores de carne humana. Em 26 de dezembro, apenas quinze dias após a conexão fonética supostamente decisiva, Colombo promete a destruição do “povo do Caniba” sem que seja agora necessário mencionar que eles seriam os soldados de um potentado civilizado.

7

Assim, esta é, em detalhes consideráveis e, sobretudo, necessários, a morfologia discursiva da palavra “canibal”, mostrando justamente como ela se torna atada àquele “significado” (*meaning*) de “selvagens comedores de

carne humana”, um processo que, embora em relação constante com os eventos da viagem de Colombo pelas ilhas do Caribe e às suas trocas com os habitantes nativos, não tem nada de uma simples observação ou “registro”. Os “princípios históricos” do *Oxford English Dictionary* servem aqui para ocultar a história.

Contudo, este tipo de análise “interna” não pode nunca ser puramente formal ou autônoma no sentido de ser gerada isoladamente pelo nível das operações textuais que estão descobertas. Qualquer leitura política deve interpretar os conflitos textuais mais estritos em função de unidades político-narrativas mais amplas – deve vê-los, usando um termo de Medvedev, como um ideograma, cuja significação só se torna aparente em um contexto mais amplo. Entretanto, isto não implica dar prioridade explicativa a este nível mais amplo. O jogo deve ser dialético²¹.

Por interesses particulares, o foco foi aqui fixado no plano vocabular, mas um dos aspectos mais amplos deve ser também mencionado, uma vez que provará ser um tema de alguma significação para quase todos os próximos capítulos²². Pelos últimos cinco séculos, muitos dos debates intelectuais e políticos sobre América têm-se centrado na questão de como abordar sua “novidade”: se as categorias do Velho Mundo são suficientes para conter em seu interior o Novo Mundo, ou se tal novidade necessita de um reconheci-

²¹ Cf. A noção de Pierre Macherey de incompletude de um texto, seu “silêncio” ou sua “ausência” fundamental:

É a justaposição e o conflito de vários significados que... dá forma ao trabalho: este conflito não é resolvido ou absorvido, mas simplesmente mostrado. Assim, o trabalho não pode falar da oposição mais ou menos complexa que o estrutura; mas é sua expressão e concretização. Em cada parte sua, o trabalho *manifesta*, revela, o que não pode dizer. O silêncio lhe dá vida. (*A Theory of Literary Production*, trans. Geoffrey Wall, London, 1978, p. 84)

Para “ideograma”, ver: P. N. Medvedev/M. M. Bakhtin, *The Formal Method in Literary Scholarship: A Critical Introduction to Sociological Poetics*, trans. Albert J. Wehrle, Baltimore, 1978, pp. 21-5.

²² O autor se refere aos demais capítulos do livro do qual advém este texto. (N.T.)

mento, pela formulação do “novo”, de categorias mais apropriadas. Debates semelhantes surgiram na História Natural, Arqueologia, Teoria Política e em muitas outras áreas, sempre assombrados pela impossibilidade de puramente inventar “novas” categorias e pelas dificuldades radicais em entender as categorias da América indígena em seus próprios termos.

No interior do campo do discurso colonial, os problemas sempre foram levemente diferentes já que a novidade, como será visto no Capítulo 3²³, sempre cumpriu um papel limitado e muito particular, enquanto a principal confiança sempre foi em relacionar a América com as normas estabelecidas do Velho Mundo. Esta tendência tem muitos aspectos, entre os quais o jurídico foi provavelmente o mais crucial, uma vez que aquilo que era importante deveria ser obviamente submetido às *jus gentium*, utilizadas para estabelecer os direitos de posse de terras. Imaginativamente, também, é de provável compreensão que pontos de comparação e contato devem ter sido feitos com a experiência do Velho Mundo, mas, aqui, os discursos relevantes tenderam a ser os mesmos que já lidavam com mundos outros que não a Europa. Na medida em que as nações européias, especialmente a Inglaterra, iniciaram seus domínios imperiais, o mundo clássico do Mediterrâneo cresceu em importância como um repositório de imagens e analogias pelas quais aquelas nações puderam representar a si próprias as atividades coloniais. Muito, como veremos no Capítulo 6²⁴, torna-se comparação improvável entre São Vicente e Cartago. Ambas as festas cortesãs em *The Tempest* e *Robinson Crusoe* seguem – ou são tomados em – cursos triangulares, da Europa à África à América, como que para facilitar em parte esta transferência discursiva que ajudaria a lidar com a novidade amedrontadora do Novo Mundo.

Certamente, este discurso mediterrâneo (combinando o clássico e o bíblico) não se manteve imóvel desde os tempos clássicos, contudo, uma vez que uma de suas propostas seja estereotipar a “outridade” (*otherness*), o

²³ O capítulo em questão é: “Prospero and Caliban”. (N.T.)

²⁴ O capítulo em questão é: “Inkle and Yarico”. (N.T.)

discurso nem sempre traz dimensões abertamente históricas. A ameaça do Islão foi, obviamente, um fator, embora não influencie significativamente a estória neste ponto. E nós já vimos como a imagem clássica do Oriente foi tratada com uma nova e significativa injeção de detalhes e imagens pelos viajantes Ocidentais, que tiraram vantagem da paz tártara (1241-1368), embora não sendo contradita.

A grande ironia histórica, no entanto, de cujas conseqüências Colombo nunca escapou, foi que, embora fantasiosas as teratologias do discurso clássico, ou maravilhosas as riquezas de Cathay, por mais que, em uma palavra, nós leiamos estes discursos como dizendo mais das fantasias coletivas da Europa do que das culturas dos núbios, tártaros e sítios, os produtos do Extremo Oriente alcançaram a Europa: o comércio de especiarias foi uma evidência material que não pode ser negada.

Durante séculos, Gênova e Veneza competiram na importação de produtos Orientais. As rotas do Leste eram longas e difíceis, e os intermediários muitos. Durante a paz tártara, os prospectos estavam abertos, brevemente mas atormentadoramente, para um comércio mais direto que abaixaria os preços e aumentaria os lucros. Uma expedição genovesa tentou a circunavegação ocidental já em 1291²⁵. A queda de Constantinopla (1453) e o forte controle turco das rotas comerciais do Oriente Médio fez esta tarefa mais vital. O próprio Colombo estava profundamente implicado na rede comercial genovesa: Cipolla o chama de maneira muito simples de “agente do capital genovês”; seus principais financiadores e patrocinadores eram certamente genoveses²⁶. Mas esta busca foi – como uma empresa comercial – fadada ao

²⁵ É algumas vezes reconhecido que os irmãos Vivaldi estavam tentando circunavegar a África, mas veja: Florentino Pérez Embid, *Los descubrimientos en el atlántico y la rivalidad castellano-portuguesa hasta el tratado de Tordesillas*, Seville, 1948, pp. 52-7.

²⁶ C. M. Cipolla, *Guns, Sails and Empires*, New York, 1965, p. 137; Ruth Pike, *Enterprise and Adventure: The Genoese in Seville and the Opening of the New World*, Ithaca, 1966, p. 99 e *passim*; e J. N. Ball, *Merchants and Merchandise in*

fracasso. Por um lado, era baseada em uma profunda ignorância da Ásia: ninguém na Europa sabia que os mongóis haviam sido expulsos da China pela dinastia Ming em 1368. Por outro, as reservas européias de ouro, o pagamento tradicional pelas especiarias do leste, tinham-se exaurido²⁷. A China sempre desprezou até o melhor dos mercadores europeus; Colombo, com seu barco carregado de bugigangas baratas, dificilmente causaria boa impressão em seus negociadores chineses. Era óbvio que, ao menos em retrospecto, a Europa precisaria ou de muitas armas para forçar uma entrada no mercado do Leste, ou de uma fonte alternativa de ouro para garantir a continuidade da troca tradicional. Portugal conseguiu, por um breve tempo, seguir ambas as alternativas ao mesmo tempo, deslocando ao menos uma parte do antigo comércio de ouro trans-Saara da costa do norte da África até as costas da Baixa Guiné, enquanto forçava uma entrada violenta no mercado de especiarias das

Western Europe 1500-1630, London, 1977, p. 18. Toscanelli, embora florentino, pertencia à família envolvida no comércio de especiarias (V. Teitelboim, *El amanecer del capitalismo y la conquista de América*, Buenos Aires, 1963, pp. 82-3).

²⁷ A história dos metais preciosos na Idade Média e no início da Europa Moderna é um assunto complexo. Espanha e Irlanda supriam Roma com a maior parte de seu ouro, cuja maior parte, por sua vez, acabava indo para no Extremo Oriente, mas as minas européias produziam pouco nos séculos XIV e XV. Os negócios com o Leste quase sempre eram deficitários. O ouro vinha da África negra por comércio, mas a Europa nunca encontrou uma maneira de controlar suas fontes – e não conseguiria até o século XIX. Portugal deslocou parte de suas relações comerciais para a costa, mas, por causa de seu comércio ser com o Leste, pouco daquele ouro entrou no sistema econômico europeu. Uma crise foi finalmente evitada pela chegada de ouro e prata da América, que Castela não podia evitar circular no interior da Europa; e pelos avanços técnicos que permitiram trabalhar as até então inacessíveis solduras de prata européias, especialmente na Alemanha. Cf. C. T. Smith, *An Historical Geography of Western Europe Before 1800*, Harlow, 1969; J. F. Healy, *Mining and Metallurgy in the Greek and Roman World*, London, 1978; F. Rraudel, 'Monnaies et civilisations. De l'or du Sudan à l'argent d'Amérique', *Annales ESC*, I, 1946, pp. 9-26; e M. Bloch, 'The problem of gold in the Middle Ages', em seu *Land and Work in Medieval Europe*, trans. J. E. Anderson, London, 1967, pp. 186-231.

Índias Orientais²⁸. A Espanha, tendo que promover uma partilha do mercado africano, não teve muita opção a não ser perseguir uma rota pelo oeste, ou, como queriam os genoveses, achando uma rota marítima direta para a Ásia, ou, como os padrões castelhanos sugerem, seguir em frente na aquisição de terras e recursos naturais no Atlântico; afinal, a geografia medieval postulava a existência de muitas terras no Mar Oceano, algumas delas possuindo ouro²⁹.

Os discursos em conflito no interior do texto do *Diário* estão, portanto, imbricados com as preocupações comerciais e não são compreensíveis fora delas. O discurso Oriental era a única linguagem acessível na qual o projeto comercial genovês poderia articular-se. O discurso herodotiano de selvajaria que, embora de maneira refratária, lida com questões de terras disputadas e indígenas rebeldes, era apropriado a um expansionismo castelhano emergente que já havia iniciado suas translações ao oeste desde a conquista das Ilhas Canárias e seus nativos, Guanches, provavelmente um precedente mais significativo de sua aventura americana que a relação menos evidente com o Islão da Andaluzia³⁰.

A mudança de direção de Colombo na costa de Cuba pode, portanto, ser vista nesta perspectiva mais ampla como, se não o fim, ao menos o início do fim de um sonho genovês particular. A gota d'água viria com a malogra-

²⁸ Vasco da Gama (cujas embarcações carregavam tecido e levavam vinte armas entre eles) encabeçava aquilo que John Parry chamou de "não uma viagem de descoberta, mas uma comitiva comercial armada" (*The Age of Reconnaissance: Discovery, Exploration and Settlement, 1450-1650*, London, 1973, p. 179).

²⁹ Ver: Ferdinand Columbus, *The Life of the Admiral Christopher Columbus by his Son Ferdinand*, trans. B. Keen, New Brunswick, 1959, p. 51. Sobre este padrão castelhano, ver: Pérez Embid, *Los descubrimientos en el atlántico*; Charles Verlinden, *The Beginnings of Modern Colonization*, trans. Yvonne Freccero, Ithaca, 1970; e Mario de Góngora, *Studies in the Colonial History of Spanish America*, Cambridge, 1975, pp. 1-32.

³⁰ Ver: Felipe Fernández-Armesto, *Ferdinand and Isabella*, London, 1975, pp. 155-63; e P. E. Russell, 'El descubrimiento de las Canarias y el debate medieval acerca de los derechos de los príncipes y pueblos paganos', *Revista de Historia Canaria*, XXXVI, 1978, pp. 10-32.

da viagem de Sebastian Cabot, que confirmou que a Espanha perdera muito terreno para Portugal para ser capaz de competir pelo mercado do Leste³¹. Os genoveses tiveram que se contentar com o controle do mercado espanhol com o Novo Mundo e com o desenvolvimento de seu capitalismo financeiro no interior da complexa teia sobre a qual revolvia-se a monarquia espanhola. Fernand Braudel viu tudo isso como uma ação defensiva da parte do mundo mediterrâneo para evitar, depois do evento, aquilo que pode ser visto como a ascensão inevitável das economias atlânticas, com o conseqüente movimento em direção ao norte do pivô do capitalismo europeu.

Até um certo ponto, tudo isso repõe uma questão muito antiga e exasperada a respeito do “motivo” de Colombo. Tal exasperação advém, ao menos em parte, da dificuldade de se achar evidência concreta de algo como um “motivo” tenaz. Entretanto, a posição ressaltada aqui poderia reconciliar algumas visões tradicionalmente antagonistas. O Colombo do *Diário* e da *Carta* “acreditava” que tinha atingido a Ásia. Mas Henry Vignaud e Cecil Jane fizeram observações válidas que sugerem, respectivamente, que “aquelas ilhas e continentes que... seriam descobertas e adquiridas nos ditos Mares Oceanos” (a fórmula das Capitulações concordavam entre Colombo e os monarcas católicos)³² é uma maneira particular de referir às Cipangu e Cathay de Marco Polo e que teria sido “uma empresa totalmente tola” enviar homens praticamente desarmados para assumir o controle de um povo poderoso e de um reino de reputação amigável³³. São totalmente fantasiosas, contudo, as hipóteses que Vignaud e Jane constróem, pensando no “motivo

³¹ Ver: Pike, *Enterprise and Adventure*, pp. 103-4.

³² Citado de: Colombo, *Journals and Other Documents*, p. 27.

³³ Henri Vignaud, *Histoire critique de la grande entreprise de Christophe Colombe*, 2 vols, Paris, 1911; e *The Columbian Tradition on the Discovery of America*, Oxford, 1920; Cecil Jane, ‘The Objective of Columbus’, in *Selected Documents Illustrating the Four Voyages of Columbus*, ed. C. Jane, 2 vols, London, 1930, I, pp. Xiii-cxii. A refutação feita por Morison desses pontos não é convincente (*Admiral of the Ocean Sea*, pp. 106-7).

real” de Colombo alcançar terras desconhecidas, com a necessidade subsequente de denunciar a autenticidade da correspondência com Toscanelli e até de questionar a habilidade de Colombo ler qualquer coisa em 1492³⁴. Mas muitas dessas diferenças podem ser desatadas se a linguagem das Capitulações for vista como necessariamente ambígua para apresentar precisamente dois grupos diferentes de possibilidades que chegam a um compromisso tênue e finalmente tortuoso. “Compromisso” não é, na verdade, a palavra correta: soa deliberada em excesso e, em todo caso, implica numa terceira posição entre outras duas incompatíveis. A dificuldade é, novamente, usar palavras contra o seu germe intencionalista. “Ambíguo” seria errado também, se não fosse inevitável, uma vez que é mais uma questão de referentes variáveis que de significados variáveis: “Ilhas e Continentes” podiam se referir, no interior do discurso Orientalista, à China e ao Japão; mas poderiam também se referir a qualquer coisa que se viesse a descobrir, talvez Antilhas, ou outro conjunto de ilhas como os Açores. Talvez pudéssemos dizer, parafraseando Nietzsche, que todo o ponto da linguagem, particularmente aquela dos acordos legais, é que ele permite não especificar o que se quer dizer, de forma que dois conjuntos de assunções comerciais e os dois discursos associados a eles podem tranqüilamente, que seja por algum momento, compartilhar dos mesmos significantes. No final, a questão era a respeito de uma forma de palavras que permitia temporariamente duas posições incompatíveis procederem como se não o fossem.

Dizer mais do que isso seria adentrar pelas águas tortuosas da especulação psicológica. Seria dificilmente crível, à luz do suporte da evidência

³⁴ Henri Vignaud, *Toscanelli and Columbus: The Letter and Chart of Toscanelli on the Route to the Indies by way of the West*, London, 1902; Cecil Jane, ‘The question of the literacy of Columbus in 1492’, *Hispanic American Historical Review*, X, 1930, pp. 500-16. A escolaridade de Colombo é um terreno fértil para uma cegueira acadêmica peculiar através da qual uma hipótese interessante, mas indefensável, é seguida por suas conclusões, logicamente necessárias, mas cada vez mais lunáticas. Colombo, segundo esta linha, não procurava Cathay, assim, a correspondência com Toscanelli deve ser espúria e o texto do *Diário*, corrupto.

textual, sugerir que Colombo “tinha em mente” China e Japão, enquanto Fernando e Isabela estavam mais preocupados com a possibilidade de encontrar outras ilhas do Atlântico. Mas qualquer afirmação de intencionalidade – que Colombo enquadrou as Capitulações para possibilitar um compromisso, ou que Fernando e Isabela tiraram deliberadamente vantagem da obsessão de Colombo em embarcar numa aposta na qual eles teriam pouco a perder e muita possibilidade de ganho – permanece puramente hipotética³⁵.

É igualmente difícil, mas próprio, resistir ao único passo que separa os processos textuais inconscientes analisados aqui dos processos inconscientes do seu autor – “Colombo”, a personagem produzida no texto, do Colombo “real”. No coro de minha explicação de como “canibal” veio a assumir o “significado” (*meaning*) que tem desde o nascimento das principais línguas européias, está a sugestão de que o discurso do ouro selvagem – o discurso que articula o expansionismo castelhano – é, em última análise, o motor que controla o *Diário*, apesar de que a empresa iniciara-se e enquadrara-se no interior dos parâmetros discursivos do comércio genovês. É fácil perceber porque isso teve que ocorrer e porque, em parte, conseqüentemente, o *Diário* é um texto tão carregado: o cruzamento de expansões tão longas de oceanos desconhecidos só poderia ser completado por alguém convencido, mesmo que por razões totalmente equivocadas, de que iria encontrar terra tão relativamente rápido quanto Colombo o fez – rápido, isto é, tendo em vista a distância real da costa asiática da costa ocidental da Europa. Tamanha conquista só poderia ser baseada numa má apreensão profunda da natureza da empresa. E, ainda, enquanto as evidências sugerem que Colombo permaneceu convicto até o fim de sua vida de que teria alcançado aquilo que partiu para alcançar, tem-se argumentado aqui que o *Diário*, inconscientemente,

³⁵ A fórmula das capitulações é baseada nos acordos portugueses em relação às viagens de descobrimento no Atlântico no período de 1460 até 1490. A redação é próxima àquela do acordo concluído com o predecessor imediato de Colombo, o flamengo Ferdinand van Olmen (Verlinden, *The Beginnings of Modern Colonization*, p. 189).

está articulado por um princípio radicalmente incompatível. Seria fácil, porém sem sentido, para falar dos “motivos inconscientes” de Colombo, falar de valores castelhanos inconscientes internalizados³⁶: tais motivos estão fora

³⁶ Minha leitura do conflito discursivo e ideológico é compatível com a caracterização perspicaz feita por John Elliott de Colombo como herdeiro de tradições em conflito:

Como um comandante na *Reconquista*, ele estabeleceu um contrato privado com a Coroa para obter direitos bastante consideráveis sobre as novas terras que ele estava por ganhar para ela. Mas o próprio Colombo não pertenceu à tradição da *Reconquista*. Como genovês, estabelecido em Portugal e depois no norte da Espanha, ele era um representante da tradição comercial mediterrânea, que começara a atacar os castelhanos durante a Idade Média. Seu objetivo era descobrir e explorar as riquezas do Leste em associação com um Estado que conferisse sua proteção a ele. Para essa empresa, ele poderia se aproveitar da experiência adquirida por Castela nas suas iniciativas comerciais e sua colonização das Canárias. Contudo, infelizmente para Colombo, a tradição mercantil castelhana não era mais suficientemente bem estabelecida para ameaçar sua tradição militar com qualquer esperança de sucesso. Enquanto ele via sua tarefa essencialmente em termos de estabelecimento de bases mercantilistas e de postos comerciais, a maioria dos castelhanos estava acostumada a idéias de avanço militar contínuo, partilha das novas terras, distribuição de prisioneiros de guerra e conversão de nativos. Inevitavelmente, as duas tradições opostas – a do mercador e a do militar – entrariam em conflito violento e, nesse conflito, Colombo foi ele próprio derrotado e arruinado. (John H. Elliott, *Imperial Spain 1469-1716*, London, 1969, pp. 61-2).

Ver também: H. B. Johnson, ed., *From Reconquest to Empire: The Iberian Background to Latin American History*, New York, 1970, pp. 4-28. Existe uma leitura convencionalmente marxista deste conflito, inteligentemente enunciada, de certa forma metafisicamente, por Victoria Teitelboim, na qual Colombo é “una dolorosa figura de transición”, falhando em harmonizar “la fuerza innovadora que emergía del alma de la época y le impelia a descubrir, y el caparazón escolástico aun vigente” (*El amanecer del capitalismo*, p. 88). O conflito também pode ser decodificado, na terminologia braudeliiana, como um conflito entre mundos atlântico e mediterrâneo (ou, como ele mesmo sugere, mundos mediterrâneo e *eu-ropeu*: Fernand Braudel, *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II*, trans. Sian Reynolds, 2 vols, London, 1978, I, p. 224). O poder marítimo de Castela localizava-se em portos atlânticos nas costas do norte da Espanha. O despertar do império comercial de Aragão, hipotecado aos bancos genoveses, era bem mediterrâneo. A monarquia católica – Isabela de Castela e Fernando de Aragão

de alcance para sempre. Contudo, a análise textual encontra seu suporte em um lugar surpreendente. Discursivamente, a empresa colombiana é, aparentemente, um produto do sonho genovês de um mercado Oriental, mas, embora este discurso finalmente tropece na costa de Cuba, a empresa, não revelada ao texto, segue carregando a semente de sua própria destruição em seu interior, literalmente no seu interior, uma vez que qual tipo de comércio com o grande e poderoso Kahn de Cathay poderia ser estabelecido na base de poucas bugigangas mantidas na despensa de três embarcações – “estas besteirinhas que não podem ser mais úteis que um tostão furado”?

As bugigangas se oferecem para interpretação. Como concretização da nova ordem econômica do colonialismo crescente no interior dos vestígios do comércio medieval. Como sinal de que Colombo realmente “sabia” que o sonho genovês era uma fantasia. Mas, talvez, elas devam ser vistas justamente como marca do crescente poder dos novos estados europeus – como índice da transformação discursiva cujas conseqüências serão tratadas nos capítulos seguintes.

8

O último ancoradouro da primeira viagem de Colombo foi na costa norte da Hispaniola, em um porto junto ao leste de um ponto ainda chamado Las Flechas:

DOMINGO, 13 DE JANEIRO ... Ele enviou o barco à terra em a uma bela praia, para que pudessem pegar *ajes* para comer, e eles acharam alguns homens com arcos e flechas, com os quais eles para-

– representava a tentativa de combinar estes dois termos. Até mesmo Sevilha poderia ser vista por esta posição geográfica como quase uma formação de compromisso. Entretanto, significativamente, as Índias pertenciam somente a Castela, uma decisão que pode talvez ser vista como análoga (na ausência de um léxico que apontaria a uma relação mais precisa) à vitória no *Diário* do discurso do ouro selvagem. Pérez Embid apresenta uma excelente discussão da incorporação castelhana das Índias (*Los descubrimientos en el atlántico*, pp. 251-300).

ram para conversar, e eles compraram dois arcos e muitas flechas, e pediram um deles para ir falar com o almirante na caravela, e ele foi. O almirante diz que ele era mais feio em aparência do que qualquer um que já tinha visto. Ele tinha sua face toda riscada de carvão, embora em todas as outras partes eles estavam acostumados a pintar-se de várias cores; ele usava seu cabelo todo longo e amarrado atrás, adornado com mechas de penas de papagaio, e ele estava nu como os outros. O almirante julgou que ele devia ser um dos Caribs que comem carne humana [*que debía ser de los caribes que comen los hombres*]. (J 146)

Essa é a primeira das muitas descrições de “canibais” que aparecerão citadas neste livro. A etnografia moderna é da opinião de que o homem não era um Carib, mas um Ciguayo Arawak, um pequeno grupo cultural e linguisticamente separado dos Taino Arawak com os quais Colombo havia tido mais contato³⁷. Mas independentemente de quem os nativos *realmente* eram (e esta é uma das questões que consideraremos no próximo capítulo³⁸), o que mais interessa é o processo pelo qual Colombo chega à sua atribuição. O homem é um americano nativo, mas mais feio em aparência que os nativos até então encontrados. “Feio em aparência” é apresentado de tal maneira como que para deixar claro que se refere não a características físicas intrínsecas, mas a elementos culturais extrínsecos. A partir disso somente – riscos de carvão e penas de papagaios – Colombo julga o nativo como sendo Carib comedor de carne humana.

O encontro, então, segue o padrão clássico. Colombo pergunta sobre ouro, o nativo aponta ao leste na direção da próxima ilha do arquipélago, Borinquen (Porto Rico): “Os índios lhe disseram que, naquela ilha, havia muito ouro e, apontando à popa da caravela, que era bem grande, disseram que havia pepitas daquele tamanho” (J 146). Se alguém pudesse postular uma correlação direta entre o desejo nativo de ver o retorno dos espanhóis e

³⁷ Ver os comentários marginais de Las Casas (*Diario de Colón*, fol. 55r. e v.): “no eran caribes ni los hubo en la Española jamás”, e “Estos debían ser de los que llaman ciguayos, que todos traían cabellos así muy largos”.

³⁸ O capítulo é “Caribs and Arawaks”. (N.T.)

o tamanho do ouro a ser achado na ilha seguinte, então os Ciguayos seriam *muito* perspicazes para serem deixados isolados. Isto seria confirmado pelo fato de que o primeiro conflito entre espanhóis e ameríndios seguiram imediatamente a esta troca, ocasionado (de acordo com a notícia recebida por Colombo, que não estava entre o grupo) por um ataque a sete espanhóis durante uma transação comercial:

Depois que os cristãos retornaram à caravela com seu barco, quando o almirante soube disto, ele disse que, por um lado, ele lamentava, mas, por outro lado, não, uma vez que eles temeriam os cristãos, pois, sem dúvida, ele diz, as pessoas lá são malfeitores, e ele acreditava que elas eram aquelas do Carib e que comiam carne humana. (*J* 148)

Os soldados do Grande Kahn não mais merecem menção. “Carib” não seria dito exatamente para *significar* (*mean*) “antropófago” como ainda é, mas é muito claramente um lugar, e a mais proeminente característica de seus habitantes – mesmo a única que merece menção – é a que “comem carne humana”. Mais uma vez, este processo toma lugar em um vácuo discursivo a alguma distância daquilo que ele significa para se referir. Não há qualquer evidência de que estes povos eram “caribes” ou “canibais” além da suposição sem suporte de Colombo; não há qualquer evidência de que eles comiam carne humana. Duas coisas mudaram. As palavras “carib” ou “canibal” estão agora sendo utilizadas consistentemente com a conotação desqualificada sempre presente de “aqueles que comem carne humana”. E estes que os espanhóis consideram “caribes” demonstraram uma capacidade de resistência.

O ouro, agora, está ao leste: ao leste estão as terras do Carib. O que mais queria Colombo?: achar ouro e confirmar a teratologia de Heródoto ao mesmo tempo. Na terça-feira, 15 de janeiro de 1493, ele parece hesitar: a ilha dos “caribes” é difícil de visitar “porque este povo tem a fama de comer carne humana” (*J* 150). Na quarta-feira, a hesitação se desfaz: “Ele partiu do golfo... para ir, como ele diz, à ilha do Carib” (*J* 152). Mas o vento soprou mais forte que sua determinação e a direção foi tomada para a Espanha. O *Diário* é um texto maravilhosamente rico e estranho, mas nada nele pode

competir com a ironia final de que desejo e medo, ouro e canibal, são deixados numa conjunção monstruosa em uma ilha *não visitada*.

9

Antes de sua redescoberta em 1791, somente poucos haviam lido o *Diário* de Colombo; milhares, contudo, haviam lido a carta, escrita na viagem de retorno, na qual Colombo resumiu e simplificou as complexidades do documento mais longo. Datada de 15 de fevereiro de 1493, a *Carta* ganhou ampla publicidade. O original foi impresso em Barcelona em Abril de 1493 e, pelos próximos quatro anos, traduções foram publicadas por toda a Europa em latim, francês, alemão, italiano e catalão³⁹.

A *Carta*, endereçada, em diferentes edições, a vários oficiais importantes com conteúdo invariável, enfatiza a fertilidade das ilhas do Caribe e a tratabilidade de seus habitantes. Como seria de se esperar em um documento deste tipo – que era basicamente um panfleto de publicidade para atrair mais investimentos – o caráter tortuoso do *Jornal* foi aplainado em simples achados. Por razões óbvias, a ênfase é agora na ingenuidade e generosidade dos nativos de Juana (Cuba) e Hispaniola:

Eles não recusam nada que possuem, desde que lhes seja pedido. Pelo contrário, eles convidam qualquer um a dividir o que têm, demonstrando amor como se eles fossem dar seus próprios corações. Eles se contentam com qualquer coisa de qualquer tipo que lhes for dada, seja de valor ou sem. Eu proibi que lhes dessem coisas muito inúteis como fragmentos de louça quebrada, cacos de vidro quebrado ou pedaços de lacinhos, embora eles fossem capazes de ficar com elas, eles fantasiavam possuir a melhor jóia do mundo. (*J* 194)

Essa era uma notícia especialmente boa, uma vez que na Hispaniola “há muitas especiarias e grandes minas de ouro e outros metais” (*J* 194).

Possíveis perigos e infortúnios não havia, mas, de maneira até certo ponto experimental, os Caribs aparecem no final:

³⁹ Ver: Christopher Columbus, *La carta de Colón*, ed. Carlos Sanz.

Portanto, não achei qualquer monstro, nem tive qualquer notícia deles, exceto na ilha “Carib”, que é a segunda na chegada às Índias, e que é habitada por um povo visto em todas as ilhas como feroz e que come carne humana. Eles têm muitas canoas com as quais alcançam todas as ilhas da Índia, pilhando e levando tudo o que podem. Eles não são mais malformados do que os outros, exceto por terem o costume de usar seus cabelos longos como os de mulheres, e eles usam arco e flechas de bambu com pequenos pedaços de madeira nas pontas, devido à falta de ferro que têm. Eles são ferozes entre estes outros povos, que são excessivamente covardes, mas eu não darei mais notícia deles do que dos outros. (J 200)

A participação de Colombo em Las Flechas não é mencionada e não há qualquer traço da luta discursiva a respeito do significante “Carib”: o povo do “Carib” são, sem problematização, os “monstros” – devido sua antropofagia – que muitas pessoas, diz, esperavam que ele encontrasse. Ele corresponde às expectativas herodotianas e está firmemente ligado àquele grupo pela evidência que confirma a existência da ilha das mulheres (“Matinino”), as Amazonas da ideologia clássica⁴⁰. Sua ferocidade é, em outras palavras, totalmente abrangente: “Eu não darei mais notícia deles do que dos outros”. É através da condensação das complexidades do *Diário* na *Carta* que o contraste básico entre inocência e ferocidade no interior da população caribenha nativa entra na consciência européia, com a ferocidade exemplificada pela antropofagia, amalgamada à palavra “Carib”⁴¹ como cognata sua.

Tradutor: Guilherme Amaral Luz^{***}

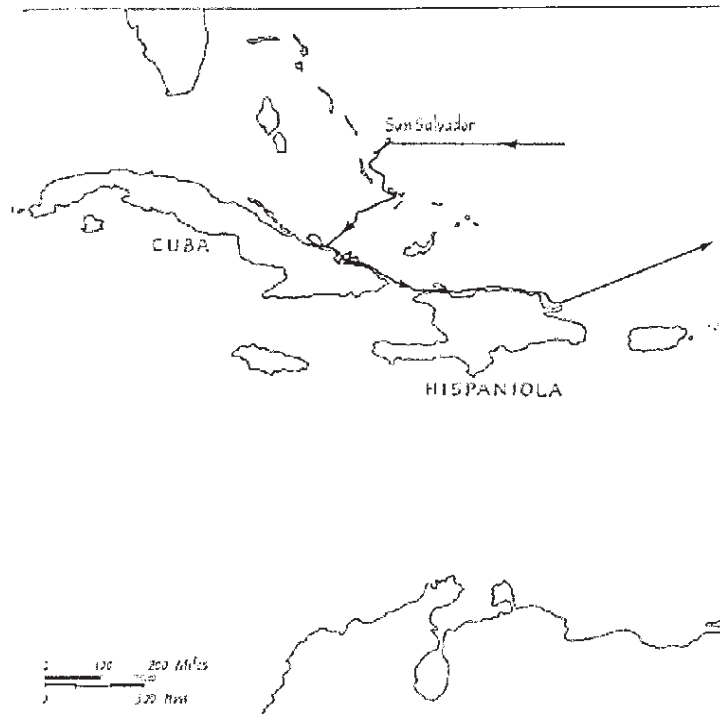
⁴⁰ Ver: Aby B. Kleinbaum, *The War Against the Amazons*, New York, 1983, p. 104.

⁴¹ Esta é uma simplificação da maioria das primeiras edições da *Carta*, que traz “Charis”, uma forma que não sobreviveu. A forma “Carib” ou “canibal” foi difundida via as cartas de Pedro Mártir à Itália e a famosa carta de 1503-4, “Mundus Novus”, de Vespúcio. Ver: Peter Martyr (Pedro Mártir de Angleria), *Epistolario*, trans. J. López de Toro, Madrid, 1953; e Amerigo Vespucci, *El nuevo mundo. Cartas relativas a sus viajes y descubrimientos. Textos en italiano, español e inglés*, Buenos Aires, 1951.

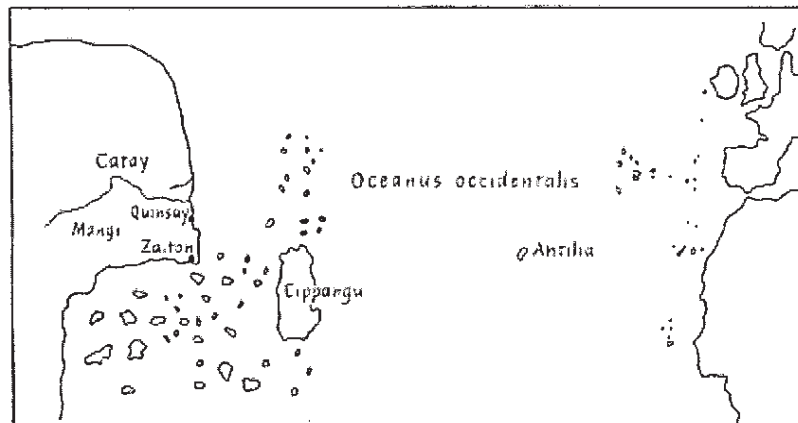
^{***} Doutorando em História da Universidade Estadual de Campinas e bolsista da FAPESP. E-mail: guiluz@terra.com.br.



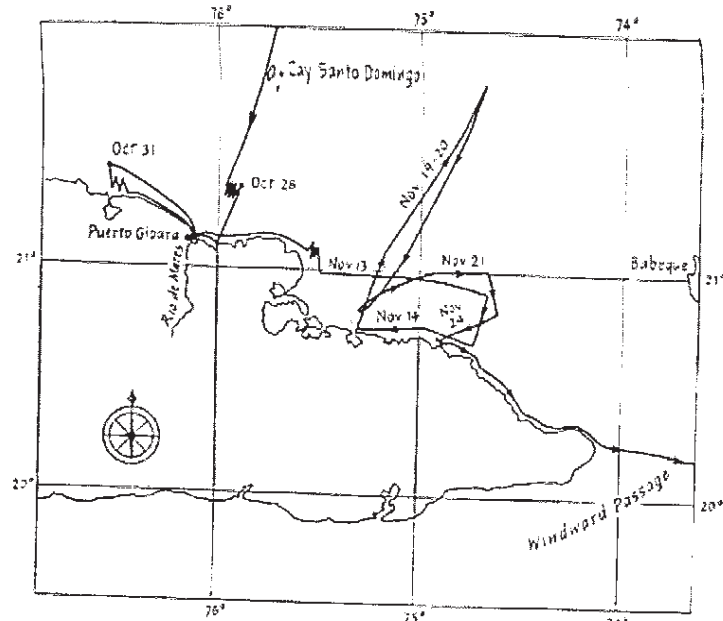
(Fig. 1) Colombo sendo recebido pelos nativos do Caribe; retirado das *Grands Voyages* de Theodore de Bry. O encontro inaugural tendeu a ser representado ou como um tributo idealizado ou como hostilidade violenta (cf. fig. 5).



(Fig. 2) A rota de Colombo pelo Caribe, 1492-3.



(Fig. 3) Provável concepção de Ásia oriental de Colombo, baseada na reconstrução da carta de Paolo Toscanelli, com quem Colombo se correspondia, desenhada para o Rei de Portugal.



(Fig. 4) Trajeto de Colombo saindo de Cuba oriental, mostrando sua mudança de direção.



(Fig. 5) Armada de Colombo atacada por canibais: uma ilustração veneziana apelativa sobre a ferocidade canibalesca em ação.

